



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Rádio Sociedade da Bahia, da Bahia

Salvador-BA, 24 de março de 2009

Jornalista: Bom dia, ouvintes da Rádio Sociedade da Bahia. Hoje a nossa emissora está completando exatamente 85 anos de existência. E o nosso presente para vocês é uma entrevista exclusiva, ao vivo, com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva que, mais uma vez, gentilmente está do nosso lado.

E vamos falar um pouco desse Brasil, das perspectivas, o que a gente pode fazer, o que o Presidente pode fazer para a gente lutar com as dificuldades que a gente está enfrentando, em relação a essa crise mundial.

Presidente, muito prazer em tê-lo de novo na nossa Rádio Sociedade. Um prazer e um abraço forte, no início dessa nossa conversa.

Presidente: Bom dia Armando. O prazer é meu de estar conversando com você, com o presidente da Rádio Sociedade. Não poderia começar a entrevista sem cumprimentar a direção da Rádio Sociedade, cumprimentar os ouvintes e o povo baiano pelos 85 anos da Rádio Sociedade. Eu acho que uma rádio completar 85 anos sem diminuir a prestação de serviço, aumentando a qualidade a cada dia. Eu acho que é disso que o povo precisa porque a gente vai aprendendo, vai fortalecendo a democracia e o povo tem cada vez mais possibilidade de ter informações em tempo real. Isso é muito importante, e eu acho que a Rádio Sociedade presta um serviço extraordinário ao Brasil, ao estado da Bahia, prestando informações 24 horas por dia. Portanto, parabéns à Rádio Sociedade.

Jornalista: Obrigado. Presidente, a crise que nós estamos vivendo hoje, se ela tivesse acontecido no seu primeiro mandato, como é que estaria a situação do



Brasil hoje, agora?

Presidente: Olha, primeiro, se ela tivesse acontecido no meu primeiro mandato, ela teria acabado no meu primeiro mandato. Ou seja, o dado concreto é o seguinte: é que nós começamos governando, em 2003, com uma crise, não internacional, mas com uma crise interna muito forte, porque naquele tempo o Brasil não tinha credibilidade internacional, o País não tinha financiamento das suas exportações, nós tínhamos pouquíssimas reservas, e nós ainda devíamos US\$ 30 bilhões ao FMI. A inflação estava indo para a casa dos 12%, já estimada para 17%. E nós, em 2003, fizemos um exercício enorme, colocamos a casa em ordem e o Brasil, então, começou a dar um salto de qualidade.

Hoje essa crise, é uma crise – e todo o povo brasileiro sabe – é uma crise nascida no coração dos países ricos. Essa é uma crise tipicamente, eu diria, da elite financeira mundial, ou seja, por irresponsabilidade. Os bancos, em vez de estarem vinculados ao setor produtivo, passaram a viver de especulação e, de repente, quebra a economia do país mais rico do mundo, que é a economia americana e, depois a economia europeia e depois a economia do Japão.

Aqui no Brasil, essa crise demorou para chegar. Enquanto nos Estados Unidos ela apareceu em setembro de 2007, aqui no Brasil ela só foi chegar em agosto de 2008. E ela chega encontrando o Brasil em uma situação muito confortável, ou seja, nós estávamos previstos crescer acima de 6% na economia e, quando essa crise chega qual foi o primeiro efeito dela? O desaparecimento do crédito, ou seja, o crédito internacional desapareceu, nós tivemos 30% do crédito brasileiro que era tomado em dólares, praticamente se extinguiu e todo mundo se voltou ao mercado interno. O que aconteceu? Os juros aumentaram, sobretudo o spread bancário, nós tivemos dificuldade para financiar nossas exportações, colocamos R\$ 36 bilhões das nossas reservas



para financiar as nossas exportações, e ao mesmo tempo foi (falha no áudio) uma medida para fortalecer o mercado interno. Tomamos a primeira medida para ajudar a indústria automobilística a continuar vendendo carro, capital de giro para a pequena e média empresa e capital de giro, sobretudo, na área da construção civil. Isso fez com que nós não sentíssemos a crise como os Estados Unidos e outros países estão sentindo a crise.

Eu estou convencido de que nós já passamos o pior período da crise que foi outubro, novembro, dezembro e janeiro. Esse período, eu diria, de muita desconfiança, em que todo mundo se retraiu, ninguém comprou nada, e agora as coisas estão retomando outra vez a normalidade. Obviamente, que nós dependemos das atitudes dos Estados Unidos, da União Européia, porque eles têm responsabilidade de, primeiro, recuperar a credibilidade do povo americano, recuperar o crédito e colocar o crédito para financiar o comércio exterior, em ordem, para que as pessoas possam ver fluir as suas exportações. Eu trabalho com essa hipótese.

Estive com o presidente Obama, conversei muito com ele, e aqui no Brasil nós estamos tomando atitude. Amanhã nós vamos anunciar um programa habitacional de um milhão de casas para ajudar as pessoas [que recebem] de zero a 10 salários mínimos, nós vamos tomar outras medidas para resolver os problemas dos setores mais afetados, e vamos ficar na expectativa de que as nossas exportações continuem fluindo normalmente, porque o Brasil exporta coisas de que o mundo precisa, sobretudo quando se trata de alimentos – carne, suco de laranja, soja – e eu penso que isso vai continuar sendo exportado e eu acho que nós, isso já é um consenso mundial, de que o Brasil é o país que menos vai sofrer com a crise e, certamente, o Brasil sairá fortalecido dessa crise.

Jornalista: Os empresários, analistas de plantão, sempre duvidavam que o Brasil pudesse resistir a essa crise. Em algum momento o senhor pensou em



puxar o freio de mão em relação aos investimentos, Presidente? Ou o senhor acreditava que a gente se sairia bem?

Presidente: Em hipótese alguma. A primeira atitude do governo foi anunciar ao Brasil em um pronunciamento que eu fiz no dia 22 dezembro, em rede nacional, de que nós iríamos manter todos os investimentos previstos nas obras do PAC. São quase R\$ 600 bilhões. E vamos manter por quê? Porque nós queremos gerar empregos, porque nós queremos melhorar a infraestrutura, e porque nós queremos que o Brasil continue crescendo.

Todos os projetos de investimentos de novas plantas industriais previstas no BNDES estão mantidas. Ainda ontem eu fui a Pernambuco, inaugurar uma fábrica grande da Sadia, que vai gerar 1.600 empregos. Os estaleiros todos estão sendo construídos, os projetos de ferrovia todos vão continuar, inclusive a Leste-Oeste aqui, na Bahia, que vai ligar Ilhéus até a Ferrovia Norte-Sul. Ou seja, nós vamos manter por quê? Porque nós entendemos que essa crise, diferentemente das outras, em que você tinha que fazer uma contração dos investimentos, nessa você tem que fazer mais investimentos para gerar mais empregos, mais renda, e não permitir que essa crise abata o povo brasileiro.

Jornalista: Presidente, obras dentro da Bahia estão atrasadas. O nosso metrô não sai, Presidente. Como é que o senhor tem acompanhado essa novela do metrô de Salvador?

Presidente: Armando, quando eu tomei posse, em 2003, eu peguei um Orçamento que não tinha verba prevista para o metrô de Salvador, o metrô de Fortaleza, o metrô do Recife e o metrô de Belo Horizonte. Nós começamos, dentro das possibilidades, a colocar alguns recursos. Ainda ontem eu fui inaugurar uma estação do metrô do Recife.



O metrô da Bahia, com todos os problemas que nós tivemos, erros de projetos, projetos novos que eram feitos a cada ano, nós o incluímos no PAC. A partir da inclusão do metrô no PAC, não faltou mais dinheiro. Qual foi o problema? Nós tivemos um problema no Tribunal de Contas, com as empresas que estavam fazendo... que fizeram o consórcio para construir o metrô.

A informação que eu tenho do prefeito e a informação que eu tenho do governador e do ministro Geddel é que todos esses problemas foram saneados e que agora não há nenhuma explicação para o metrô de Salvador não andar rapidamente.

Jornalista: Presidente, as privatizações, BR-324, está tudo aí na mira do governo. Privatização é um bom negócio para o governo, Presidente?

Presidente: Primeiro, nós não estamos privatizando, ou seja, nós estamos fazendo concessões. O que é uma concessão? Como o Estado não tem recursos para fazer a obra e fazer a manutenção, nós fazemos concessão para uma empresa por 20 anos, por 25 anos, por 30 anos, e essa empresa faz a rodovia. Vencido esse tempo, a rodovia volta a ser do governo, o governo faz novas concessões. Nós temos tido um sucesso extraordinário nessas concessões porque os pedágios cobrados no governo Federal são infinitamente menores do que aqueles feitos em outros estados. Só para você ter uma ideia, houve uma concessão feita agora em São Paulo em que um pedágio a cada 100km foi R\$ 8,00. Nós fizemos algumas semanas depois e o pedágio a cada 100km para nós foi R\$ 2,90, numa demonstração que o marco regulatório das concessões do Governo Federal tem funcionado e a gente tem provado que quando há muita concorrência, quem ganha é o usuário.



Jornalista: O Presidente tem falado sobre Dilma Rousseff, da Casa Civil. Ela é a candidata? Isto o senhor já bateu o martelo? A política é muito dinâmica, pode haver mudança lá na frente?

Presidente: Veja, não é o Presidente que escolhe quem vai ser o candidato, quem vai escolher quem vai ser o candidato é o partido. Eu tenho a minha opinião que no momento certo eu vou dar. Obviamente, que eu acho a Dilma altamente reparada, altamente qualificada para exercer a Presidência desse País, mas no momento certo nós vamos trabalhar isto porque a prioridade minha e a prioridade dos meus ministros e de todo o governo não é fazer campanha em 2009. Em 2009 nós temos que trabalhar, porque será o resultado do nosso trabalho, o melhor cabo eleitoral de quem for o candidato do governo nas eleições de 2010. Nós temos muitas obras em andamento pelo Brasil afora, eu posso te dizer que não há momento na história do Brasil em que o Governo Federal teve tanto dinheiro investido nos municípios brasileiros, nas capitais e nos estados, portanto, nós agora estamos numa fase de colher, ou seja, nós plantamos com o PAC e agora nós vamos começar a viajar muito o Brasil para inaugurar obras, obras e mais obras, porque é disso que o Brasil precisa.

Jornalista: Presidente, admitamos uma pesquisa que dê empate entre Dilma e Geddel, quem seria melhor para o Planalto?

Presidente: Dilma e Geddel? Primeiro, essa hipótese não existe. Em política não dá para a gente trabalhar com hipóteses. Eu tenho uma convicção de que o companheiro Geddel e o governador Jaques Wagner fizeram uma aliança muito importante aqui no estado da Bahia, que derrotou uma dinastia que estava incrustada aqui no poder a muitos anos e os dois, com a maturidade que tem, se trabalharem juntos eles podem se manter. Eu sei que o Geddel



tem pretensões de ser candidato ao Senado, possivelmente o Jaques Wagner seja candidato à reeleição, porque ele tem o direito de ser e eu acho que se eles estiverem juntos, eu acho que nós ganhamos as eleições aqui. Nós poderemos fazer os dois senadores, fazer o governador e vamos fazer a maioria dos deputados, e quem vai ganhar com isso é a Bahia, que há muito tempo esperava pela mudança que o Jaques Wagner está fazendo.

Jornalista: O senhor alcançou um dos maiores índices de popularidade da história desse País, o senhor transfere votos?

Presidente: Eu penso que sim. Veja, esse negócio de dizer que não se transfere voto é uma bobagem, depende do tipo de eleição. Veja, quando eu fui candidato em 1989, eu ganhei 100% dos votos do Brizola, 100%, no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul.

Obviamente, que, se o Presidente da República apóia um candidato e o Presidente da República estiver bem e, se o povo estiver satisfeito com o Presidente da República e o povo achar que ele tem o direito de dizer quem vai sucedê-lo, obviamente que você transfere voto. Agora, obviamente, também, que o candidato, a candidata, tem que ter qualidades próprias. E eu acho que a Dilma tem qualidade de sobra. E eu penso que nós vamos ganhar as eleições exatamente por isso. Agora, vamos esperar o ano que vem as convenções partidárias, vamos ver quem é que vai ser candidato, quantos candidatos vão ter. Porque a gente tem que esperar o tempo certo para a gente dar os passos.

Jornalista: Correu a notícia, Presidente, de que o Planalto estaria de namoro com o Aécio Neves, porque ele sabe que em uma prévia ele perde para o Serra. Seria um bom candidato para o Planalto, se o Aécio saísse do PSDB e fosse para outro partido da base aliada?



Presidente: Eu penso que não há mais tempo. Se o Aécio tivesse a pretensão de trocar o PSDB por outro partido político, ele já teria feito. Até porque, pelo que eu conheço do PMDB, o PMDB também não é um partido escancarado, que não tem direção, que qualquer uma acha que a hora em que quiser sair pode sair, entrar e ser candidato, sabe? As coisas não são assim na política.

Eu acho que o Aécio vai disputar a prévia. Não sei se ganha ou se perde, o Aécio também é um homem qualificado, é meu companheiro, é amigo do governo, mas é um problema do PSDB, e pelo amor de Deus não me peça para dar palpite no PSDB, porque eu já tenho problema demais no PT.

Jornalista: Por falar em palpite, o ex-presidente Fernando Henrique tem dado muito palpite. O senhor tem rebatido os palpites do ex-presidente Fernando Henrique?

Presidente: Não. Não. Eu até digo sempre que quando eu for ex-presidente, eu vou ensinar ao presidente Fernando Henrique Cardoso como é que um ex-presidente se comporta. Porque um ex-presidente não pode dar palpite sobre o governo que for eleito. Se for chamado a contribuir e puder contribuir, muito bem. Se não for chamado, fique quietinho no seu canto, já teve a sua chance, já governou, já fez ou não fez, mas deixa os outros governarem, pelo amor de Deus.

Eu tenho convicção do que estamos fazendo no Brasil. Eu tenho convicção do que estamos fazendo no Nordeste. Eu tenho a convicção de que este país está passando por uma experiência histórica exemplar e extraordinária e, eu acho que só tende a melhorar a vida do povo brasileiro, só tende a melhorar.

Eu, mesmo com essa crise, eu tenho dito que eu continuo sendo o mais otimista dos seres humanos, porque acredito no potencial do Brasil, acredito nas coisas que nós estamos fazendo, acredito nas políticas sociais que nós



estamos fazendo, e eu acho que é isso que vai permitir que o Nordeste brasileiro possa estar mais próximo dos centros mais desenvolvidos do País. Você veja que hoje você tem uma renda maior no Nordeste, crescendo mais, você já tem mais escola no Nordeste, mais doutores, mais mestres, você já tem indústrias grandes vindo para cá, os shoppings do Nordeste estão ganhando mais dinheiro do que os shoppings do Centro-Sul do país. Por quê? Porque tinha uma camada de pessoas pobres no Nordeste que nunca tinham direito a nada e que agora estão virando consumidores porque têm mais emprego, porque têm o Luz para Todos, porque têm o Bolsa Família, porque têm o ProJovem, ou seja, e essa meninada está ficando mais qualificada e é isso que interessa para um governante. Por isso, eu trabalho com uma vontade imensa de que a gente tem que trabalhar nesses dois anos mais do que trabalhamos nos primeiros seis anos, para que a gente conclua todas as obras que nós projetamos, licitamos e estamos executando.

Jornalista: Para descontrar, Presidente. Há dois anos, eu estive com o senhor no Palácio da Alvorada, o senhor abotoando o meu paletó, não acreditam, disse que isso aqui é montagem. Eu gostaria... Isso aqui é montagem, Presidente?

Presidente: Não é montagem. Isso aqui é uma fotografia tirada lá na biblioteca do Palácio da Alvorada. Foi a entrevista que eu dei para várias rádios do Nordeste. Como você estava com o paletó aberto, eu estava abotoando, mostrando a minha gentileza e como eu entendo de estética também. Foi isso, Mariano.

Jornalista: Presidente, a sua mensagem para o povo da Bahia, para a Rádio Sociedade, por seus 85 anos, para a gente terminar.



Presidente: Eu queria dizer ao povo da Bahia que, primeiro, eu estou muito satisfeito com o que o companheiro Jaques Wagner está fazendo aqui. Estou muito satisfeito com as políticas do Ministério da Integração Nacional, sobretudo levando água para esse povo mais pobre e eu penso que a Bahia é o estado que recebe mais Bolsa Família, quase um milhão e meio de famílias recebem o Bolsa Família.

Eu só queria dizer ao povo da Bahia que tenha certeza absoluta de que nós vamos continuar melhorando a vida de todos vocês. Agora, com o projeto de um milhão de casas, certamente a Bahia receberá uma grande fatia dessas casas, sobretudo porque nós precisamos resolver os problemas da região metropolitana, onde tem a maior concentração de problemas, onde tem mais violência e é nesses lugares que queremos concentrar os nossos projetos de habitação para dar mais dignidade ao povo brasileiro.

Jornalista: Os nossos 85 anos à sua disposição, Presidente.

Presidente: Olha, eu espero que quando eu estiver com 85, vocês já estejam com cem anos e eu possa dar uma entrevista outra vez aqui para comemorar os cem anos de vocês e os 85 do Presidente.

Jornalista: Muito obrigado. Conversamos, então, com exclusividade para a Rádio Sociedade da Bahia com o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Obrigado, Presidente. A vocês, que nos acompanharam, obrigado e um bom dia.

(\$31DHJLP)